

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Fausto José Leitão Domingues

Instituição: Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Sul

Local: Sede do Instituto, à rua Riachuelo, 1317 -3º andar

Data: 15 de maio de 2012

Recipiendário: CESAR PIRES MACHADO

Ao iniciar estas palavras, valho-me de uma descrição do venerando Padre Balduino Rambo, associado que honrou esta casa com seus conhecimentos e erudição, para situar a região de onde provém nosso ilustre recipiendário. No seu valioso ensaio de monografia natural, ao concentrar-se no lugar que nos interessa, revela: “... *nascendo ao sudoeste de Lavras, ao pé da Serra do Taboleiro, as fontes do Vacacaí mostram o quadro daquelas paisagens: um vale de regular largura..., com juncais, brenhas de Taquarussu, salgueiros e figueiras ao longo da água,... prevalecendo a matinha mirtácea baixa e arbustiva. Ao sul de Santa Maria, onde o Vacacaí se junta ao Santa Catarina, grandes pantanais e mata virgem alta preenchem a baixada, limitando-se diretamente com o campo seco... A vasta baixada do Vacacaí é, entre todas as paisagens da Depressão Central, a que mais se assemelha à Campanha.*”

Bem ali, ao vadear o Passo do Verde, que antes, de acordo com o sepanse **Ary Veríssimo Simões Pires**, chamava-se *Vereda*, ou *Passo da Vereda*, vindo de Santa Maria, onde forma-se *uma linha de horizonte que se desvanece nas brumas do verão e nas névoas do inverno*, foram estabelecidas importantes sesmarias, justapostas e entestando com o *Vacacaí Grande*, que são as primeiras daquelas paragens. Ocorrem-me, então os nomes do *Sítio do Meio*, depois *Aroeira*, *Timbaú-*

vas, *São João* e, como a proclamar a uberdade daquelas terras, aquele *Rincão das Vacas Gordas* E os sesmeiros, estabelecendo-se com enormes fazendas de criação de gado, consolidavam o território luso-brasileiro, naquele vai e vem das fronteiras e ao embalo dos confusos, inconstantes e nunca definitivos tratados diplomáticos. Antonio Gonçalves Borges, José Gonçalves Dias, Gonçalves Barbosa, José e Manoel Thomaz do Nascimento, Antonio Gonçalves da Cunha, Mateus Simões Pires foram alguns dos nomes que chantaram suas raízes naquelas plagas, cunhando a própria fisionomia da sua formação inicial. Este último, Mateus, era Ilhéu, nascido na Angra do Heroísmo e, vindo para Rio Pardo, foi o genearca desta antiga e reconhecida família, sendo, naquela área, dono de terras que se estendiam desde o *Rincão das Timbaúvas* até o *Formigueiro*.

Mas, seguindo nossa trajetória, mais adiante, sempre em direção à atual cidade de São Sepé, onde hoje está situada a Vila Block, assentava-se aquela citada sesmaria do *Rincão das Vacas Gordas*. Concedida, inicialmente, a Manoel dos Santos Cardoso, pertenceu a outros proprietários e teve, mais tarde, uma parte adquirida por José Gonçalves de Freitas e, por herança, passando a pertencer a Joaquim Simões Pires e, depois, a seus descendentes. Em sua sede, naquele aprazível e sugestivo *Boqueirão das Rosas*, crepita há mais de duzentos anos um fogo de chão galponeiro a reacender a memória dos ancestrais e a testemunhar, com brasas vivas, o perpassar das gerações.

Infletindo para o oeste, em direção ao município de São Gabriel, confrontando com a sesmaria do *Rincão das Vacas Gordas* e, portanto, à direita de quem ruma hoje, pela estrada principal, em direção à cidade, descortina-se aos olhos do viandante o recanto que, muito apropriadamente, o índigena, com sua sabedoria intuitiva, sacralizou, outorgando-lhe, em guarani, o nome de “mãe de Deus”: *Tupanci*! Certamente, porque, ali, a beleza natural adquire a dignidade que emana de alguma força transcendente. A separá-lo da sesmaria das *Vacas Gordas*, sinuoso e atrevido, corre o arroio *Trancoso* que vai derramar suas águas no *Vacacaí*. Não é minha intenção desenvolver

uma dissertação topográfica a respeito daquela gleba nem pretendo incidir em digressões românticas até porque me falece capacidade descritiva. Mas o seu encantamento, a planura tocada pela leve ondulação das coxilhas, as pequenas sangas que se insinuam com suas tortuosidades, os capões de mato, as restingas, a mata nativa ao fundo e à direita emoldurando o panorama, não tolerariam qualquer omissão. É impossível calar diante da profunda impressão que, ainda nos dias atuais, é proporcionada pela exuberância da paisagem sonorizada pelo canto de pássaros festivos. Mesmo que já se perceba o ronco dos tratores, abrindo sulcos para a invasão das lavouras, o mundo natural ainda viceja e aflora, indomável e invencível. A sesmaria do *Tupanci*, depois dos primeiros sesmeiros, teria pertencido a José de Saldanha, o filósofo, matemático, geógrafo e astrônomo português que tanto colaborou para a definição dos limites meridionais do Brasil. Foi neste rincão privilegiado que tiveram propriedade rural os seus pais e onde, atualmente, reside e exerce atividade agropecuária, o **Dr. Cesar Pires Machado** que, agora, vem enriquecer o convívio deste cenáculo de estudos históricos e geográficos.

Foi a cidade de São Sepé, no entanto, que lhe serviu de berço natal. A mesma São Sepé de tantas histórias que, depois, demandariam sua aprofundada atenção e para onde convergiriam os seus percucentes estudos. Consta que, por volta de 1830, provindo do *Formigueiro*, liderados pelo carpinteiro Francisco Antonio de Vargas, alguns moradores, contrariando a vontade das autoridades e dos proprietários das terras, entre o *Vacacaí* e o arroio *São Sepé*, no topo de uma coxilha, ergueram uma cruz com a finalidade de erigir uma capela e estabelecer uma povoação. Os donos do lugar recorreram à presidência da província e Vargas foi responsabilizado pela prática de assuada, tendo falecido antes de finalizar o processo. Sua atuação não resultou infrutífera. O local, por insistente interferência de Plácido Nunes de Melo, o Chiquiti, foi adquirido da família Fraga pelo fazendeiro Plácido Gonçalves e doado para a construção da capela e demais edificações. Nascia assim, sob a proteção de Nossa Senhora das Mercês, a simpática e acolhedora povoação. Em 1850, foi elevada à freguesia e, em

1876, foi criado o município.

Entre o bucolismo, os horizontes largos que o campo oferece e a vida comunitária, embora pacata e sem turbulências, da pequena cidade, o **Dr. Cesar** viveu seus primeiros anos. Seus estudos iniciais foram efetuados em Santa Maria e em colégio sepiense. Os maristas, o internato..., o terrível, temível e tantas vezes improprio regime de interno, verdadeiro exílio, onde, se recebia o reboco que não constrói, mas, sendo inevitável, restringia o mundo, sufocava personalidades e mudava concepções. E a saudade..., as férias tão longe de chegarem..., a expectativa da volta. A distância muito maior na imaginação do que as estradas poeirentas poderiam estabelecer. Assim foi a infância. Depois a adolescência, o colégio estadual, a preparação compenetrada, o primeiro lugar no vestibular, a faculdade de agronomia. E sempre a volta, o retorno ao campo, a vida na cidade natal, tão afetiva, tão especial. Os banhados do Trancoso, onde, nas férias de inverno, os atoleiros tornavam quase intransponíveis; no verão, a poeira, o cheiro do pasto pisado da querência. Nas malas, um monte de emocionadas lembranças: os pais, os irmãos, companheiros de sempre, os campos da meninice, o cavalo de estimação, a lida com o gado, os banhos de sanga naquelas águas quase virgens. As leituras primeiras. O espírito a corcovear, pedindo cancha! E, na cidade, os namoros, as serestas, os primos, os amigos e a vida tão cheia de reminiscências... Aquela mesma vida que ele mesmo recordou ao organizar e publicar os cadernos de **Diolofau Brum**. E o primo, amigo e poeta Afif? **Afif Jorge Simões Filho**. Este -- permitam o depoimento pessoal e emocional --, este me chega à lembrança com a candura de um sorriso terno e sereno, quase infantil, como aquelas flores que desabrocham para receber a alegria da manhã que nasce. “*Menino submerso*”, homem, escritor e poeta, pleno de ternura e da mais límpida sensibilidade. A amizade do Dr. Cesar com o Afif ia além das linhas de parentesco; nasceu da soma das afinidades e sob o império das leis do coração. Amizade que se prolonga, hoje, na figura ilustre do filho do poeta, magistrado **Afif Jorge Simões Neto**, também escritor e dos melhores.

São Sepé, seja dito de passagem, notabilizou-se também por ter fornecido homens da maior expressão no cenário histórico, político e cultural do nosso Estado. Cingir-me-ei a mencionar aqueles ilustres homens de letras que pertenceram ao quadro do nosso Instituto Histórico e Geográfico. E logo surge, rutilante e exponencial, o nome do ministro **Antão Gonçalves de Farias**. Infatigável republicano, inscreveu seu nome nos primeiros brados da propaganda. Foi engenheiro civil, jornalista, superintendente de obras públicas do Rio Grande do Sul, deputado constituinte, ministro de estado. Constituindo-se numa das mais eminentes cerebrações do nosso Estado, também foi co-fundador do nosso Instituto, sendo notáveis suas apreciações de cunho histórico. Sepense, ele nasceu em 17 de janeiro de 1854 e faleceu, nesta capital, com mais de 90 anos de idade. **Clemenciano Brum Barnasque** nasceu no terceiro distrito de São Sepé, na localidade de Ipê, próximo aos limites municipais com Cachoeira do Sul. Amante das tradições rio-grandenses, o seu regionalismo foi exposto, em poemas singelos, que denominava de *manchas pampianas*. Sua paixão pela terra conduziu-lhe ao estudo da nossa história. São de sua autoria os livros *Efemérides Rio-Grandenses* e *O Rio Grande na História e na Legenda*. Faleceu em 1941. Muito mais próximo de nós, contemporâneo da grande maioria dos atuais associados desta casa, já que ainda há pouco, com exemplar assiduidade, transitava por estas salas e auditório, afável, atuante, prestimoso, foi o Dr. **Paulo Jaurés Pedroso Xavier**. Médico, pesquisador obstinado, articulista brilhante, professor de paleografia, profundo conhecedor de assuntos genealógicos, especialista em heráldica e em sigilografia, sua obra, necessariamente, terá de ser reunida em livro para facilitar a pesquisa e enriquecer a nossa bibliografia histórica. Enorme também foi a contribuição de **Paulo Xavier** à vida sócio-cultural do Estado, tendo sido diretor da Divisão de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura, membro do Conselho Estadual de Cultura, além de ter prestado serviços ao Arquivo Histórico.

O Dr. **Cesar Pires Machado** que, há muito tempo já deveria estar conosco, é, a partir deste momento, se não estou equivocado, o quarto representante de São Sepé em nosso Instituto. E chega, para

a satisfação de todos nós, com uma expressiva e respeitável bagagem intelectual. Escritor solitário, ora no campo, ora na cidade, entre o *Tupanci* e São Sepé, através de muitas leituras, foi despertando a curiosidade pela pesquisa histórica. Acredito mesmo que seu espírito teve, inicialmente, a conduzi-lo aquele anseio de conhecer suas origens, sua terra, sua gente. E não existe nada mais apropriado e salutar do que buscar saber o mundo que foi construído pelos nossos ancestrais, quem foram e a vida que tiveram. É, na verdade, a descoberta de nós mesmos. Este sentimento atávico foi o fio condutor de suas primeiras inquietações intelectuais. Seu dedicado labor de genealogista permitiu desvendar vínculos de parentescos, identificar inúmeros parentes e estabelecer, com precisão, não só a linhagem familiar, como a sua procedência, localização e destino. Daí ao interesse de conhecer a história geral, a brasileira e a rio-grandense foi um passo. É fácil imaginar a dificuldade desta busca diuturna de dados, de elementos que nutrem o saber do pesquisador em um lugar ermo ou numa pequena comunidade interiorana, sem arquivos, bibliotecas ou museus. Por certo a luz escassa das velas ou dos lampiões, enquanto se esquivava e tremeluzia, também oferecia maiores conhecimentos e trazia muito mais luz própria.

Dotado de indiscutível pendor para elucidar temas intrincados, desbravador destes meandros cinzentos da história, sem encarceramentos doutrinários ou ideológicos, mas submetido exclusivamente às fontes primárias da percepção histórica, desfazendo mitos, trouxe-nos informações fidedignas sobre Chananeco, Sepé Tiaraju, a Invasão Paraguaia no Rio Grande, Canabarro, Porongos e tantos outros assuntos e aspectos da maior relevância no nosso passado.

Dr. Cesar Pires Machado, meu caro amigo e recipiendário:

Se encontrei coragem para abordar alguma particularidade da história da sua terra, devo, com absoluta certeza, principalmente, ao aprendizado que obtive ao ler os seus livros e nas conversas que empreendimos tantas vezes nos últimos anos. Minhas visitas ao *Tupanci*, tão

agradáveis quanto proveitosas, permitiram-me conhecer um pouco da trajetória da sua gente. De lá trouxe profunda e respeitosa admiração por sua família e seus amigos. As belezas do lugar guardo-as conservadas, carinhosamente, na retina e na memória. Deixou-me muito feliz e sumamente honrado a sua vontade de que fosse eu o autor destas palavras de boas-vindas. Sei que foram simples e singelas. Não tenho dúvidas de que outros eminentes confrades estariam muito mais qualificados para um discurso de recepção. Nenhum, entretanto, poderia repassá-lo de maior emoção, de maior alegria, de maior sinceridade. Seja bem-vindo!